



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## A RELAÇÃO ENTRE O PESQUISADOR E O JORNALISTA<sup>1</sup>

Sâmia de Christo Garcia – Jornalista  
Prof. Dra. Eugenia Mariano da Rocha Barichello – UFSM

RESUMO: Os objetivos desta investigação foram: identificar os problemas apontados pelos pesquisadores sobre a divulgação de ciência na mídia e verificar o grau de importância atribuído à divulgação da ciência em meios jornalísticos. A pesquisa utilizou metodologia quantitativa e amostragem probabilística. A amostra foi constituída por 128 professores do Centro de Ciências Rurais, selecionados de um universo de 187 pesquisadores cadastrados, aos quais foi aplicado um formulário com sete questões fechadas e uma aberta, no qual pudessem ser descritas e comentadas as suas experiências relacionadas ao Jornalismo Científico.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornalismo Científico; Divulgação da Ciência.

### 1. Introdução

Já foram realizadas outras pesquisas sobre jornalismo científico em alguns Centros de Ensino da Universidade Federal de Santa Maria. A opinião que os universitários têm em relação ao Jornalismo Científico foi pesquisada de maio de 1994 até novembro de 1996, quando as então acadêmicas de Jornalismo da UFSM, Isara Bock e Fabiana Sparremberger, realizaram, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul, e orientação da Prof<sup>a</sup>. Eugenia Barichello o projeto “A democratização do conhecimento através do jornalismo científico”.

Porém não há registro, no âmbito da UFSM, de pesquisas sobre Jornalismo Científico realizadas com os pesquisadores (fontes). Desta forma, com o objetivo de saber o que pensam os pesquisadores sobre o jornalismo científico e quais os principais problemas apontados por eles nessa área, foi proposta a pesquisa: “A relação entre o Pesquisador e o Jornalista”.

A pesquisa, realizada entre os meses de abril e julho de 2001, utilizou metodologia quantitativa e amostragem probabilística, considerando um erro de 5% e dois desvios padrão, o que possibilita a generalização dos resultados para 95%. A amostra foi constituída por 128 professores, selecionados entre os 187 pesquisadores do Centro de Ciências Rurais aos quais foi aplicado um formulário com sete questões fechadas e uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

aberta, onde pudessem ser descritas e comentadas as suas experiências relacionadas ao jornalismo científico.

## 2. História do Jornalismo Científico

O jornalismo científico surgiu por volta do século XVII, com publicações que objetivavam apresentar de forma simplificada o conteúdo de livros e de atas das sociedades científicas européias. Através destas publicações, os leitores podiam conhecer um pouco mais sobre o desenvolvimento da ciência mundial, sem passar pelas dificuldades comuns aos outros meios de divulgação – que mantinham uma linguagem complexa, restrita aos estudiosos de cada área. Reis (1972) salienta que as publicações, porém, não apresentavam documentadamente o conhecimento recém-adquirido; silenciavam experiências e métodos, apenas revelando sua existência em determinado lugar. Os leitores tinham acesso a um material de linguagem simplificada, mas que não trazia todos os detalhes da pesquisa.

Burkett (1990), diz que a divulgação científica teve seu início quando os primeiros cientistas se defrontaram com a censura às suas atividades pela Igreja e pelo Estado. Dos encontros realizados, às escondidas, em várias cidades para informarem uns aos outros sobre as descobertas relativas à nova filosofia natural, surgiu a tradição da comunicação aberta e oral sobre assuntos científicos. Para esse autor, foi Oldenburg quem inventou o jornalismo científico. Com a publicação *Philosophical Transactions*, da Royal Society, 1665, ele pode traduzir textos de várias fontes para publicação em inglês e latim. Muito do conteúdo publicado podia ser compreendido por qualquer cidadão pouco letrado da época e, à medida que a cultura aumentava, os editores-impressores dos jornais e revistas reescreviam e imprimiam os artigos científicos de maneira que interessasse aos leitores. Os editores também solicitavam aos cientistas que escrevessem para os leitores dos novos veículos de comunicação.

Nas colônias britânicas da América do Norte, a comunicação científica aconteceu por meio de relatos de febre, calafrios e varíola publicados no *Publick Occurrences*, de Boston, em 1690. No entanto, experiências científicas bem sucedidas, como a do barco a vapor (1807), da locomotiva a vapor (1830), do telégrafo (1844) e do



telefone (1876) não foram muito abordadas pelos jornais. Os interesses principais dos editores da época estavam voltados à política partidária.

Já no século XX, o fim da Segunda Guerra Mundial aproximou cientistas e escritores de ciência em torno de muitos assuntos. Burkett (1990) diz que havia desejos compartilhados de compreender campos inteiros da ciência e tecnologia, tais como radar e eletrônica, que haviam avançado tremendamente por detrás dos muros do segredo militar.

O primeiro número do Jornal “O Estado de São Paulo, de 4 de janeiro de 1875, publicou uma “secção científica”, mas foi só no início da década de 60 que o jornalismo científico começou a tomar uma certa configuração no país. Na década seguinte se organizou um pouco mais, para crescer de forma sensível a partir da segunda metade dos anos 80.

O historiador de ciência Shozo Motoyama, observa, no primeiro capítulo do livro “FAPESP: uma história de política científica e tecnológica”, que a cultura brasileira é marcada por uma visão de que a ciência é uma atividade de gênios. Motoyama também diz que a ciência não é considerada como uma fonte usual de notícias. Só em meados da década de 40 é que surge o primeiro profissional brasileiro dedicado à divulgação da ciência: o jornalista e biólogo José Reis.

Em maio de 1963, O Estado de S. Paulo criou a seção Atualidade Científica, destinada a dar ampla divulgação a temas científicos nacionais e estrangeiros e criar uma consciência pública para a importância da ciência. Vários cientistas-divulgadores foram chamados a colaborar. A seção chegou a ocupar 21 colunas. Neste período, a corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética motivou o grande público e, por isso, os periódicos, o rádio e a TV passaram a tratar de assuntos científicos.

Na década de 80, o campo prático do jornalismo científico começou a se definir. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência lançou, em 1982, a revista Ciência Hoje (bimestral, de início, mensal, a partir de 1987), com artigos de divulgação da ciência produzida no país, escritos sobretudo por pesquisadores; em 1987, a Editora Abril lançou a revista Superinteressante, voltada para um público jovem e na qual resultados da ciência universal são apresentados em seu caráter fascinante ou curioso; na mesma época o CNPq promoveu uma total renovação da Revista Brasileira de Tecnologia, título que mantinha desde os anos 60 e que a partir daí, passou a ser feita por jornalistas, mostrando os resultados de pesquisas financiadas pelo Conselho em todos os campos do conhecimento; em 1990, a Editora Globo lançou a revista Globo Ciência (atual Galileu), no mesmo estilo da Superinteressante.

Nos anos 90, as editorias de ciência têm espaço definido em praticamente todos os grandes jornais e revistas semanais da imprensa nacional. Em alguns casos, como o da Gazeta Mercantil, a editoria é de tecnologia, mas abre-se também a matérias sobre ciência. As assessorias de imprensa das universidades, instituições de pesquisa e agências de fomento à pesquisa estão, cada vez mais, organizadas e cresce o número de informativos, jornais e revistas que vão divulgar a pesquisa científica e as informações, também, estão disponíveis por via eletrônica.



### 3. Problemas na Divulgação da Ciência

O jornalista científico enfrenta constantemente o desafio de tentar traduzir para a linguagem jornalística o trabalho e os resultados obtidos por pesquisadores em campos complexos do conhecimento e, quase sempre, apresentados num jargão hermético, restrito ao mundo dos laboratórios.

Júlio Abranczyk (1989), diz que é através desse estilo jornalístico que o Jornalismo cumpre uma de suas mais nobres finalidades: a de estender uma ponte entre o conhecimento e a sociedade, promovendo uma difícil e exigente forma de democracia que é a da cultura. Wilson Bueno (1988) destaca o fato de que, em muitos casos, o Jornalismo Científico se constitui na única fonte popular de informações sobre ciência e tecnologia. Num país como o nosso, caracterizado pelo ensino precário e desatualizado de ciência, passa a ser a única forma pela qual os cidadãos tomam contato com a atividade e os produtos de tecnólogos e cientistas. Daí, a responsabilidade do profissional que exerce a função de informar, formar e conscientizar o público sobre as questões e repercussões da ciência e tecnologia.

Mesmo tendo este significativo mérito, os jornalistas que divulgam ciência nem sempre são vistos com bons olhos pelos pesquisadores. Hillier Kriegbaum *apud* Burkett (1990) diz: “ O trauma de ter suas atividades mal representadas foi tão intenso que, mesmo décadas depois e apesar do surgimento de jornalistas científicos como profissionais voltados em tempo integral para a ciência, os cientistas mais antigos contam aos recém-chegados os “horrores” de se ter o seu trabalho veiculado pelos meios de comunicação de massa.”

Freqüentemente, os autores mencionam os equívocos cometidos por jornalistas em relação à linguagem científica. Por ser uma linguagem restrita a pequenos grupos e, por conseqüência, desconhecida da maioria da população, exige-se o máximo de cuidado na troca de termos científicos por termos coloquiais, sob pena de haver a distorção da informação. Calvo Hernando (1970) também recomenda uma redação clara, precisa e que contenha uma certa graça e um toque de humor; diz, também, que o conteúdo deve incluir novidade, rigor e uma pequena dose de mistério.

O sensacionalismo também é outro fator que desagrade aos pesquisadores na hora de divulgar uma pesquisa. Muitos estudos são tratados como espetáculos, obras do acaso, que surgiram como se não houvesse se passado anos e anos de pesquisa e trabalho árduo. Alguns jornalistas dão caráter extraordinário e um ineditismo que não cabe ao assunto divulgado. O jornalista deve situar o fato dentro do contexto e explicar ao leitor que o descobrimento não é mais do que o elo de ligação entre uma larga e completa cadeia de trabalhos, sacrifícios e fracassos. Outros fatos que, muitas vezes, causam alarmes desnecessários são as epidemias e ocorrência de doenças pouco comuns



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ou desconhecidas. Jornais, rádios e TVs parecem querer conquistar a audiência alarmando a população e provocando pânico, o que fere o código de ética da categoria e o bom senso do profissional.

O tratamento superficial da notícia constitui outro problema para os cientistas. Mas é preciso compreender que a superficialidade é uma característica da notícia jornalística. Na TV, uma reportagem, geralmente, não ultrapassa os dois minutos de duração; em jornais, as notícias e reportagens disputam espaço com os anúncios e apenas o rádio pode veicular informações em um tempo maior. É impossível detalhar todos os passos de um trabalho de pesquisa em um veículo jornalístico, mesmo porque é preciso fazer uma seleção dos aspectos que realmente são do interesse do público e que podem ser compreendidos por ele.

Os meios de comunicação podem certamente contribuir para a formação de uma cultura científica no país. Mas não basta que os esforços partam apenas dos jornalistas, é necessário que os pesquisadores reconheçam o dever que os recursos públicos aplicados na pesquisa lhes conferem e passem a considerar a importância de prestar satisfações à comunidade que os mantém. Além do dever de informar a comunidade a respeito de suas pesquisas, os cientistas devem ter consciência que o processo de transferência tecnológica passa, fundamentalmente, pela comunicação que é o que o viabiliza.

#### 4. Resultados e discussão

A seguir estão relacionados os resultados encontrados dispostos em sete gráficos e suas respectivas discussões.

##### 4.1. Conhecimento a respeito do jornalismo científico

Entre os professores do CCR que responderam à pesquisa, 75% afirmaram conhecer o jornalismo científico. Apenas uma pessoa não respondeu, o que equivale a 0,78% das respostas e 31 pesquisadores (24,2%), não têm conhecimento do jornalismo científico, como pode ser visualizado no gráfico 1.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

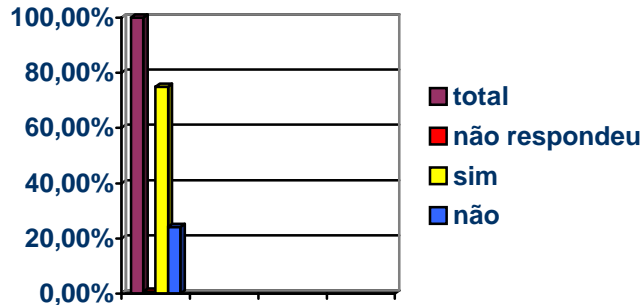


Gráfico 1: Conhecimento dos pesquisadores a respeito do jornalismo científico

O resultado mostra conhecimento do jornalismo científico por parte dos pesquisadores, aspecto fundamental para que possam contribuir na divulgação da ciência. Para José Reis (1972), a moderna participação dos cientistas na divulgação, fazendo-a ou facilitando-a aos jornalistas, reflete a aceitação, por eles, de sua responsabilidade social.

#### 4.2. Pesquisadores que já tiveram pesquisas divulgadas

A maioria dos pesquisadores do CCR (70,8%) afirmou já ter tido pesquisa científica divulgada em veículos jornalísticos. Os demais (29,1%) nunca tiveram suas pesquisas divulgadas em jornais, revistas, rádio ou televisão. Uma pessoa (0,78%). não respondeu, como pode ser observado no gráfico 2.

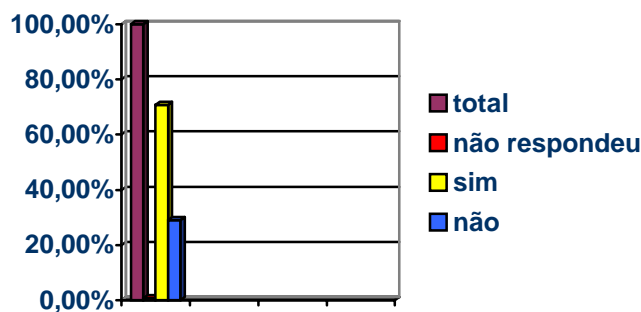


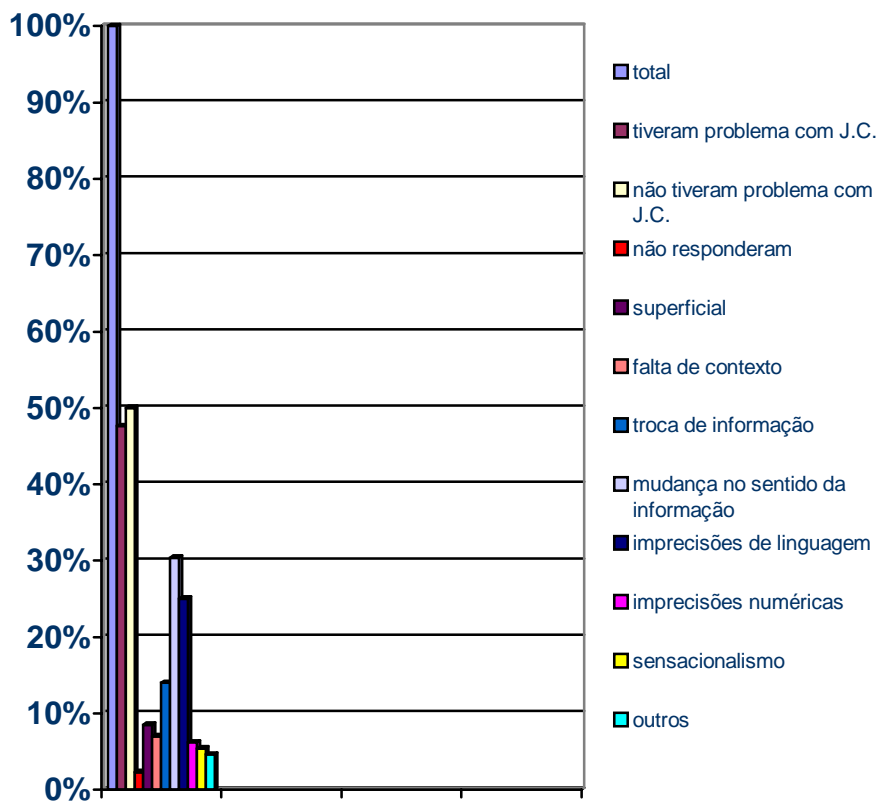
Gráfico 2: Pesquisadores que já tiveram projetos de pesquisa divulgados na mídia.



O gráfico mostra que grande parte das pesquisas realizadas no CCR são divulgadas à população, o que confirma a existência de uma relação entre o pesquisador e a sociedade local. Reis (1972) resalta a importância da comunicação das descobertas científicas afirmando que o trabalho científico não termina com o encontro de novos dados, relações ou princípios mas, na comunicação da descoberta.

#### 4.3. Problemas relacionados à divulgação de pesquisas

Cerca de 50% dos pesquisadores entrevistados nunca tiveram problemas com a divulgação de suas pesquisas. Mas o número de pesquisadores que tiveram pesquisas divulgadas com erros (47,6%) não é baixo e demonstra que há problemas com a redação de notícias e reportagens científicas. Três pessoas não responderam, o que equivale a 2,3% das respostas visualizadas no gráfico 3.





### Gráfico 3: Pesquisadores que tiveram problemas com a divulgação de pesquisas.

Os principais problemas citados são a mudança no sentido da informação e as imprecisões de linguagem com 30,4% e 25%, respectivamente. Outros problemas: superficialidade: 8,5% das respostas; falta de contextualização: 7% das respostas; troca de informações: 14% das respostas; imprecisões numéricas: 6,2% das respostas e sensacionalismo: 5,4% das respostas.

A alternativa “outros” equivale a 4,6% das respostas. Na questão foram descritos, ainda, outros problemas relacionados ao jornalismo científico: uso de foto não autorizada; correção solicitada ao jornalista, o qual não atendeu; omissão de nome de autores de projetos; uso incorreto de nomes científicos e a dificuldade, por parte dos jornalistas, em abordar o aspecto científico da notícia. Também foi dito que o jornalista não transforma a linguagem científica em uma linguagem popular, mas sim, faz uma interpretação própria que compromete o conteúdo.

Como o resultado demonstra, a terminologia científica é um grande problema para o redator de ciência. Calvo Hernando (1982) chega a classificá-la como o problema mais importante quando se trata de divulgar ciência para o grande público. Diz também, que a linguagem da informação deve atender à necessidade de clareza e simplicidade.

Ray Funkhouser e Nathan Maccoby *apud* Carlos Eduardo Lins da Silva (1982) dizem que a audiência reage muito melhor a um texto científico no qual apareçam poucas expressões do jargão científico, sejam dados muitos exemplos e oferecidas aplicações práticas das questões teóricas por ele discutidas. Os autores também sugerem que sejam usadas analogias, exemplos tirados da vida diária das pessoas comuns, palavras curtas e passagens que não tenham relação direta com a ciência. Outra descoberta é que os textos científicos que contêm muitos números não despertam a atenção dos leitores. Os números absolutos tenderiam a levar ao leitor um sentimento de impotência diante do problema.

#### 4.4. Consciência do papel social do cientista





Nenhum dos pesquisadores do CCR negou o papel social do cientista, foram 99,2% de respostas sim e apenas uma pessoa não respondeu. O resultado pode ser visualizado no gráfico 4.

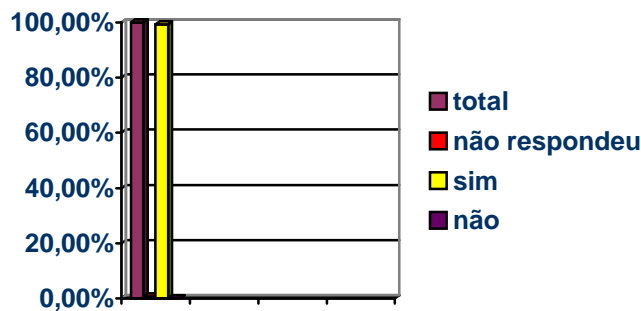
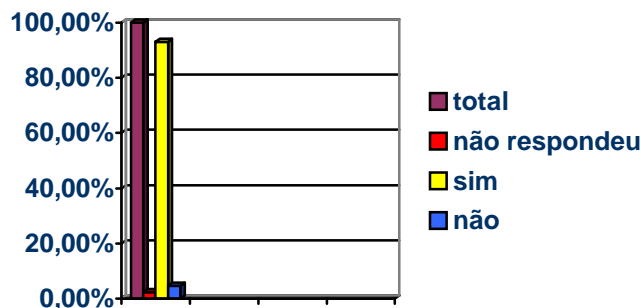


Gráfico 4: Reconhecimento do papel social do cientista.

Calvo Hernando (1982) afirma que o jornalismo científico é um fator de crescimento da ciência, um instrumento para democratizar o conhecimento, uma via para conseguir um aproveitamento racional da natureza e um meio para elevação do nível cultural, científico e educativo de um país. Desta forma, o resultado mostra-se satisfatório, pois os pesquisadores têm noção de que o trabalho que desempenham é de extrema responsabilidade e relevância social.

#### 4.5. Divulgação da ciência como contribuição para o aumento dos conhecimentos da população

Apenas 4,6% dos pesquisadores declararam que a divulgação da ciência não contribuiria para aumentar os conhecimentos da população. No entanto, mais de 92% dos pesquisadores crêm que a ciência pode contribuir para diminuir a falta de conhecimentos gerais da população, como mostra o gráfico 5.





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Gráfico 5: Pesquisadores que acreditam que a divulgação da ciência pode contribuir para diminuir a falta de conhecimento da população.

A divulgação da ciência pelos veículos jornalísticos poderia servir para informar àqueles que há muito tempo deixaram os bancos escolares e não têm outra fonte de informação, senão a imprensa. A importância da divulgação da ciência ao povo é demonstrada por Calvo Hernando (1970), que usa palavras de Jean Rotand para dizer que o jornalista faz participar o maior número de pessoas na dignidade soberana do conhecimento.

Sparrenberger (1998) afirma que o jornalismo científico pode impedir que o saber seja um fator de desigualdades entre os homens, ou seja, impede que as pessoas continuem à margem do progresso, desconhecendo seus efeitos e conseqüências .

Alguns pesquisadores, um número inexpressivo mas que deve ser registrado, disseram que a maioria das pessoas, não se interessa por ciência, nem por qualquer outra fonte de informação ou leitura.

#### 4.6. Preparação dos pesquisadores para divulgar a ciência de forma acessível

A constatação de que 77,3% dos pesquisadores se sentem preparados para divulgar suas pesquisas em uma linguagem acessível a todos é animadora. Somente 21,8% das respostas foram negativas, como pode ser visualizado no gráfico 6.

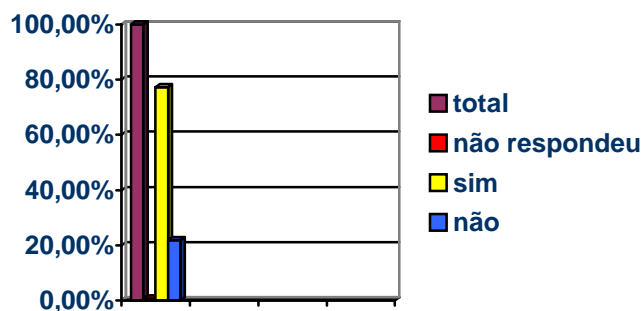


Gráfico 6: Pesquisadores que se consideram preparados para divulgar suas pesquisas científicas de uma forma acessível a todos.



Alguns professores que responderam não ser capazes de divulgar seus trabalhos e pesquisas em uma linguagem acessível a todos, manifestaram o desejo de aprender a escrever dessa forma. Calvo Hernando (1982) dá como exemplo de cientista que desejava divulgar seus conhecimentos ao povo, Einstein que foi o maior divulgador de sua Teoria da Relatividade. Einstein dizia que não bastava que os resultados das investigações fossem conhecidos, elaborados e aplicados por especialistas. Afirmava que se os conhecimentos científicos ficassem limitados a um pequeno grupo de homens, a mentalidade filosófica do povo se debilitaria e este caminharia para o empobrecimento espiritual.

Apesar da maioria dos pesquisadores dizer que é capaz de divulgar ciência em uma linguagem popular ou manifestar o desejo de aprender como fazê-lo, houve quem afirmasse que não há necessidade de divulgar a todos, porque isso excede os limites do ser humano e contraria o princípio da seletividade e da absorção de informações, que tem sentido dentro da ótica do contexto e necessidade de cada pessoa.

#### 4.7. CONFIANÇA DO PESQUISADOR NO JORNALISTA

Apenas 21,8% dos entrevistados disse que não confiaria ao jornalista a divulgação de uma pesquisa científica, cinco pessoas não responderam, o que equivale a 3,9% da mostra, mas 74,2% dos pesquisadores responderam afirmativamente apesar de registrar algumas observações, como pode ser observado no gráfico 7.

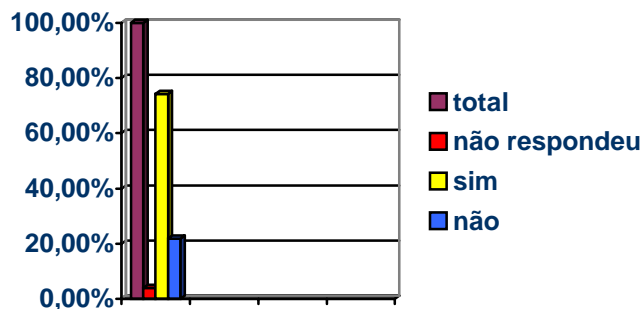


Gráfico 7: Pesquisadores que confiariam a um jornalista a divulgação de uma pesquisa.

Grande parte dos professores que responderam sim à questão, fizeram observações. Entre elas, destaca-se a seguinte: “apenas deixaria um jornalista escrever se houvesse a possibilidade de leitura e correção do texto antes da publicação”. Outra informação bastante relevante é que parte dos entrevistados afirmou que o jornalista só poderia escrever se fosse especializado no assunto. Alguns deles disseram que só deixariam o profissional fazer a matéria se o conhecessem antes e que muitos deles são mal preparados.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

As condições impostas pelos pesquisadores e a exigência de especialização na área vêm ao encontro da afirmação de Fabíola de Oliveira:

Há uma grande defasagem de entrosamento entre cientistas e jornalistas que, quando confrontados, colocam-se da seguinte maneira: os primeiros como agredidos (sempre na defensiva) e os últimos como agressores (no ataque). É preocupação constante do cientista, a maneira como o jornalista irá interpretar suas palavras e utilizá-las na matéria (é verdade que muitas matérias sobre ciência e tecnologia são publicadas com erros terríveis) e o jornalista, por sua vez, tem que vender a notícia sobre assuntos que ele pode, até mesmo, desconhecer completamente. (1982, p.110-11)

Houve também um questionamento por parte dos professores. Segundo eles: “Por que o jornalista acha que deve recodificar a linguagem? Quem entende de ciência é o cientista.” Um dos professores fez a seguinte observação: “Observe o caso do tradutor-intérprete: se ele não tem domínio da discussão na área temática, sua tradução é muito pior do que a daquele que, embora não conhecendo a língua com perfeição, conhece a discussão. Há possibilidade de um jornalista científico conhecer a discussão em todas as áreas?”

## 5. Conclusões

- Um número expressivo de pesquisadores do CCR/UFSM (75%) afirmou conhecer o jornalismo científico, o que é positivo, pois indica que esta modalidade está crescendo em nosso país e pode se intensificar se pesquisadores e, também, a imprensa tiverem consciência de sua importância;
- Mais de 70% dos professores do CCR afirmou já ter tido pesquisas científicas publicadas em veículos jornalísticos. O resultado mostra que a comunidade local está sendo informada a respeito do que acontece dentro desse centro de ensino e que grande parte dos professores contribui para isso;



- Mais de 47% dos professores do CCR afirmaram ter havido problemas com a divulgação de suas pesquisas. O que pode indicar que os jornalistas não têm um preparo ideal para divulgar de maneira simples, mas coerente, as notícias científicas. Isso pode justificar o receio que muitos pesquisadores têm em relação ao trabalho do jornalista;

- Quanto ao papel social do cientista, todos os pesquisadores do CCR que responderam à pesquisa disseram estar conscientes do papel social do cientista, o que é extremamente positivo;

**- Mais de 90% dos pesquisadores do CCR entendem que a divulgação da Ciência pode contribuir para diminuir a falta de conhecimento da população. O resultado mostra que há compreensão da necessidade de divulgar a ciência para contribuir na educação e no conhecimento da população e também para dar uma satisfação sobre o destino dos recursos públicos que recebem. Se as descobertas científicas forem noticiadas relacionadas ao cotidiano das pessoas pode haver maior interesse pela área;**

- Mais de 77% dos professores do CCR afirmaram ser capazes de divulgar suas pesquisas de forma acessível e parte daqueles que disseram não ter essa capacidade, por usarem um vocabulário demasiadamente técnico, manifestaram o desejo de desenvolver essa habilidade. O resultado mostra que o pesquisador tem, claramente, o desejo de se aproximar da sociedade, mostrando como é o seu trabalho e qual a influência dele na vida das pessoas;

- Apesar de mais de 74% dos professores do CCR terem dito que permitiriam que o jornalista científico divulgasse suas pesquisas, as observações relacionadas à questão são preocupantes e nos levam a crer que eles desconhecem o papel do jornalista. Muitos pensam que o jornalista não é capaz de fazer a recodificação da linguagem ou, até mesmo, que não é sua função fazê-la.. “Quem entende de ciência é o cientista.” Este resultado leva-nos a concluir que é preciso um esclarecimento junto a alguns pesquisadores sobre a sua função social e também a do jornalista.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## 6. Bibliografia

ABRANCZYK, J. O Jornalismo Científico e a popularização da ciência.  
In: LIMA, Myriam Del Vecchio de (org.). Jornalismo Científico. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico e Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia – CONCITEC. Curitiba: UFPR, 1989.

\_\_\_\_\_.Experiências em Jornalismo Científico. Disponível em:  
[www.fapesp.br/encarte474.htm](http://www.fapesp.br/encarte474.htm). Acesso em: 07 de jul. de 2001

BUENO, W. da C. .Jornalismo Científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – Departamento de Jornalismo e Editoração, Universidade de São Paulo, 1988.

BURKETT, W. Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

HERNANDO, M. C. Teoria e Técnica do Jornalismo Científico. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – Departamento de Jornalismo e Editoração, 1970.

\_\_\_\_\_.Civilización Tecnológica e Información. Barcelona: Editora Mitre, 1982.

OLIVEIRA, Fabiola de. Pontos para um maior acesso à Informação Científica e Tecnológica. In: CONGRESSO IBERO AMERICANO DE JORNALISMO CIENTÍFICO,4- 1ºCONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO. Anais ... São Paulo, 1982.

REIS, José. Ciência e Jornalismo. Ciência e Cultura. v.24, n. 2. São Paulo, fevereiro de 1972.

SILVA Carlos Eduardo Lins da. Jornalismo e Ecologia. Comunicação e Sociedade – Jornalismo Científico e Jornalismo Brasileiro. Ano IV n.7. São Paulo: Cortez Editora, março de 1982.

SPARREMBERGER, Fabiana. Jornalismo Científico: A Participação do Conhecimento e a Divulgação na UFSM. In: BARICHELLO, Eugenia Maria Mariano da Rocha (org). Universidade e Comunicação. Santa Maria: FACOS/UFSM:FAPERGS:CNPq, 1998. p.09-34.